

FRANCIS MADLENER DE LIMA

**RELAÇÕES DE SABER E PODER:
UMA VISÃO ACERCA DA SEXUALIDADE ADOLESCENTE NO
ESPAÇO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO**

Monografia apresentada como
requisito parcial para conclusão do
Curso de Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal
do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Carmen Lúcia
Fornari Diez

**CURITIBA
2003**

DEDICATÓRIA

Ao Bruno, meu anjo da guarda. Obrigada pelo tempo que estamos juntos e por todos os momentos em que seu carinho, compreensão e ajuda me deram força e ajudaram a suavizar um período tão intenso da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que sempre acreditou em mim e me incentivou. Aos meus amados amigos Jose's, obrigada pelas risadas, conselhos e ajuda. Obrigada aos meus queridos professores, que durante meu percurso na faculdade me mostraram, cada um à sua maneira que ainda existe muito a descobrir e a fazer: Alex Branco Fraga, Astrid Baecker Ávila, Carmen Lúcia Fornari Diez, Wanderley Marchi Jr.

"En algún punto perdido del universo, cuyo resplandor se extiende a innumerables sistemas solares, hubo una vez un astro en el que unos animales inteligentes inventaron el conocimiento. Fue aquél el instante más mentiroso y arrogante de la historia Universal".

NIETZSCHE

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. OBJETIVOS.....	3
1.2. CAMINHO METODOLÓGICO.....	4
2. "SATÃ, PORTANTO, É O SENHOR DO PRAZER"	6
3. A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA	10
4. RELAÇÕES DE GÊNERO	14
5. SEXUALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	18
6. O CORPO COMO ALVO DE PODER.....	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	28

RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar a sexualidade dos adolescentes de doze a quinze anos de um colégio estadual, situado na cidade de Curitiba - PR. A partir das observações realizadas buscou-se na literatura uma genealogia da sexualidade contemporânea, foram comentadas algumas situações específicas e analisadas pelo viés da literatura especializada. O tema tratado pela pesquisa ainda é motivo de muita polêmica e de diversos discursos que buscam uma verdade acerca do sexo. Objetivou-se com este trabalho analisar como se apresenta a sexualidade adolescente e qual o tratamento dado a ela dentro do espaço escolar. Com base nas experiências e dialogando com a literatura, percebeu-se como ainda é deficitária a educação sexual nesta realidade específica, e pode-se também, refletir sobre a realidade curricular de forma mais ampla dentro das escolas. Considera-se fundamental a discussão acerca deste tema, visto que a sexualidade é inerente ao indivíduo e não pode ser ignorada pelos educadores, tratar a sexualidade dos alunos de forma séria, sem preconceitos e principalmente de forma educativa faz-se uma necessidade vital dentro de um espaço escolar comprometido com a educação integral de seus alunos.

1. INTRODUÇÃO

A discussão acerca da sexualidade humana sempre acompanhou nossa existência, de várias formas e com diferentes papéis, a sexualidade fez parte de nossa sociedade, com seus valores, normas e padrões, pois como afirma Foucault *apud* Louro (1999:44) a sexualidade é um "dispositivo histórico", portanto indissociável da sociedade. A relação estabelecida entre este aspecto do ser humano e a sociedade na qual está inserido, muitas vezes se dá de forma conflituosa, sendo em muitos casos regulada e julgada segundo padrões pré-estabelecidos de conduta. Analisando o caminho percorrido pelo homem, e por sua sociedade bem como as visões de mundo que permearam as concepções de corpo, busca-se perceber como a expressão da sexualidade foi modificada com o passar do tempo.

Vê-se nos dias de hoje como comenta Louro (1999:27), "a evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos *shoppings-centers*, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes", pode-se perceber ainda como a sexualidade foi se tornando aos poucos alvo de preocupações de diferentes profissionais e áreas do conhecimento:

embora se possa argumentar que as questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual têm estado, por muito tempo, no centro das preocupações ocidentais, elas eram, em geral, até o século XIX, preocupações da religião e da filosofia moral (Weeks, *apud* LOURO, 1999:39).

Ou seja, a sexualidade e todos os seus aspectos passaram de uma questão religiosa, regulada pelas normas da Igreja e conformada dentro de ideais morais, socialmente impostos, para uma questão mais ampla, num espaço mais público.

Na atual sociedade diversos setores através da mídia, expõem e exploram o corpo e a sexualidade, dentro de uma lógica de mercado onde tudo é consumível, o corpo e suas relações se tornaram produtos de venda, onde o interesse maior é obter lucro, e para isso não são medidos esforços a fim de conformar os corpos de acordo com padrões estéticos e de comportamento que fazem com que crianças e adolescentes consumam todo tipo de produto para se sentirem parte de um grupo, fato este comentado por Louro (1999:15)

"Investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-lo aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos".

Com base nos conhecimentos adquiridos acerca do tema, juntamente com a intervenção pedagógica realizada no Instituto de Educação do Paraná, observou-se como os alunos/as se portavam em relação ao seu corpo e ao corpo de seu colega. Percebe-se então o que Foucault quis dizer quando afirmou que

não se deve concebê-la (a sexualidade) como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico (Foucault *apud* LOURO 1999:44).

O interesse pelo tema desta pesquisa, sexualidade adolescente, surgiu das práticas pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física no Instituto de Educação do Paraná, situado no centro da cidade de Curitiba-Paraná, e foi instigada pela facilidade com a qual os alunos e alunas da sexta série do citado colégio tratavam de sua sexualidade durante as aulas e visa através da revisão de literatura, com base nas observações realizadas conhecer como estes adolescentes expressam sua sexualidade e quais são as possíveis influências neste comportamento.

Percebe-se a importância deste tema para uma compreensão holística¹ do ser humano, sendo de fundamental importância para os educadores que estão comprometidos com uma educação integral de seus alunos/as, visto que não se pode negar a presença da sexualidade dentro na sala de aula, principalmente nas aulas de educação física, disciplina esta que tem grande parte de suas práticas voltadas para as relações sociais estabelecidas através das práticas corporais. Deve-se, pois, lutar contra uma escola que segundo Andrade e Mello (1992:91) "não se dispôs até o presente momento a discutir o assunto de uma maneira mais ampla e profunda, indo realmente de encontro às necessidades dos nossos jovens".

¹ Entende-se por "compreensão holística do ser humano", uma visão ampliada, que vê o sujeito como um ser completo, sem separações entre corpo e mente, por exemplo. Desta forma busca-se compreender que a sexualidade é indissociável do sujeito, sendo uma parte que não pode ser isolada do todo. "De fato, veremos que 'partes' e 'todos', num sentido absoluto, não existem" (CAPRA, 1995:40).

1.1. OBJETIVOS

A partir da exposição acima realizada, busca-se com este trabalho desvendar como a sexualidade humana vem sendo formada e transformada com o decorrer da história, de que forma os adolescentes da sexta série expressam sua sexualidade e quais as relações estabelecidas entre eles e o corpo docente de sua escola.

1.2. CAMINHO METODOLÓGICO

Este trabalho foi iniciado a partir das observações e intervenções pedagógicas realizadas em quatro turmas de sexta série, do período da tarde do Instituto de Educação do Paraná, situado na cidade de Curitiba - PR, sendo realizadas durante um período de três meses, entre julho e outubro de 2002. Esta intervenção fez parte da disciplina Prática de Ensino do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Durante este período foram realizadas as intervenções, onde graduandos do curso de Educação Física devem atuar como professores dentro de um colégio. Com o decorrer das aulas, foram observadas as características dos alunos/as, sendo que a desenvoltura com que muitos tratavam o tema sexualidade despertou o interesse pela pesquisa. Esse tipo de comportamento não era regra geral dentro das turmas observadas, mas estava presente em grande parte dos alunos/as. As turmas eram mistas - com meninos e meninas fazendo as aulas juntos - e tinham em média trinta alunos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado o método genealógico, onde foram buscadas na literatura as relações entre saber e poder, de que forma são elaborados os discursos acerca da sexualidade e como estes saberes e poderes afetam a construção das individualidades. Genealogia:

segundo Nietzsche é tratada por Paschoal. Este resgata os usos históricos da palavra desde o século XII, na Alemanha quando era relacionada à busca de conhecimento sobre a estirpe — de como é constituído o tronco de uma família —, mas possuindo significações específicas acerca das formas dessa recorrência (DIEZ, 2001:76).

No campo dos estudos filosóficos o termo genealogia refere-se à busca do conhecimento, à pesquisa histórica que deseja contestar a "verdade"², reinterpretar os fatos consolidados, buscar os sentidos culturalmente construídos que ainda marcam as gerações presentes. Busca-se aqui analisar a sexualidade dos adolescentes, a forma como ela é exteriorizada e quais os

² Para Foucault "A verdade é deste mundo, ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua «política geral» de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela colhe e faz funcionar como verdadeiro". (DIEZ, 2001: 79).

efeitos que elas podem gerar dentro do espaço escolar. O passo inicial para se levantar os questionamentos acerca do tratamento dado à sexualidade dentro da escola, segundo Diez (2001: 76) "é refletir a moral de modo arriscado, ser de alguma forma, 'imoralista', rejeitar os pressupostos da moral, colocar seus valores em questão", para desta forma analisar as relações de saber e poder dentro da escola.

Juntamente com a pesquisa genealógica, fez-se um trabalho empírico, onde foram colhidas experiências, observações e fatos ocorridos nas aulas de educação física. Estas observações foram realizadas de forma assistemática, pois não houve um roteiro seguido ou questões norteadoras. Os fatos descritos no decorrer deste trabalho foram observados ao longo da intervenção no colégio, sem que se realizasse nenhuma intervenção nas ações dos adolescentes, o interesse pela pesquisa do tema sexualidade surgiu algum tempo depois do fim das intervenções, fazendo-se assim, um resgate das experiências vivenciadas naquele período.

Com base nas observações realizadas, foram buscadas as relações com a literatura, através do método indutivo, onde "percorre-se o caminho inverso da dedução, isto é, a cadeia de raciocínio estabelece conexão ascendente, do particular para o geral" (ANDRADE, 1998:111). Assim foram buscadas na literatura, os estudos e análises que ajudassem a desvendar a sexualidade adolescente.

2. "SATÃ, PORTANTO, É O SENHOR DO PRAZER"³

Quando se discutem temas como sexualidade, ato sexual, moral, homossexualidade, logo são lembrados dois períodos marcantes na história da humanidade: a Antiguidade Grega e o tempo das Inquisições realizadas pela Igreja Católica entre os séculos XV e XVIII. Tem-se como idéia geral que estes períodos marcaram o passado (e talvez o presente) da humanidade, por suas 'liberdades' ou 'moralidades' excessivas, o que vai discutir-se neste capítulo são as características básicas destes dois períodos da história humana.

A partir da genealogia realizada por Foucault em sua "História da sexualidade II: O uso dos prazeres", pode-se retirar alguns aspectos fundamentais das experiências sexuais dos gregos. Fica claro, inicialmente que a conduta sexual dos gregos, muito pouco tem a ver com a moral cristã posterior, visto que na Grécia não se fazia alusão à uma moral única, universal, que deveria servir de base comportamental para todos os cidadãos (p.23). Os preceitos que guiavam as práticas daqueles homens eram baseados em conselhos de conduta, onde o uso dos prazeres deveria ser praticado de acordo com uma ética pessoal, dando liberdade a cada um.

Antes de prosseguir, se faz necessária uma explicação, que segundo Foucault define o que seria moral:

Por "moral" entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc... Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos... Com essas reservas pode-se chamar "código moral" esse conjunto prescritivo. Porém, por "moral" entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos (FOUCAULT, 1985a: 26).

Logo, naquele período, se fazia presente um conjunto de 'normas' de comportamentos mais adequados, onde poucas práticas eram consideradas imorais ou ilegais. Essas práticas, atos e gestos que proporcionam prazer eram conhecidas como *aphrodisia* (p. 39). Os conselhos dados eram baseados, em

³ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James: **O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)**, 2000.

sua maioria em torno da preocupação com a saúde e *status* dos indivíduos, sendo que a preocupação fundamental acerca da *aphrodisia* era sua prática com moderação, temperança e cuidado. Nada deveria ser realizado em excesso; beber, comer, realizar atos sexuais em demasia prejudicava a saúde bem como era indício de uma alma inferior que se deixava levar pelo corpo e seus excessos. Mas apesar destes cuidados com o que era em demasia, não era negado aos homens sentir desejo, tirando-o para sempre de sua vida, segundo Aristóteles (*apud* FOUCAULT, 1985a) "a própria *sophrosune*... um estado de virtude, não implica a supressão dos desejos, mas sua dominação... o temperante não é aquele que não tem mais desejos, mas aquele que deseja 'com moderação, não mais do que convém, nem quando não convém' " (p.66).

Entre os gregos as práticas, hoje conhecidas como homossexuais, eram reconhecidas e tratadas de forma lícita e sem grandes restrições, onde as questões acerca do comportamento eram as mesmas para os relacionamentos entre homens e mulheres:

Ela possuía cauções religiosas em ritos e festas onde se interpelavam, a seu favor, as potências divinas que deviam protegê-la. Enfim, era uma prática culturalmente valorizada por uma literatura que a cantava, e por uma reflexão que fundamentava sua existência (FOUCAULT, 1985a: 170).

Pode-se encontrar nessa característica da sociedade grega, um fato que criou no imaginário geral as ilusões acerca da sexualidade da Grécia. Mas haviam práticas não tão liberais ou livres naquele período, pode-se notar que em todo texto apenas a palavra "homem" é citada, e isso se dá devido à cultura grega que estabelecia como sexualmente livre e senhor de suas decisões, os homens livres. A estes eram direcionados os conselhos sexuais e cabia à mulher ser fiel no casamento e cumprir suas funções de esposa e dona de casa. O adultério era considerado apenas no caso da esposa ter traído o marido, sendo que ao homem era legalmente permitido (apesar dos conselhos contrários) ter relações sexuais com concubinas, escravos e outros homens livres:

Isso tem como consequência, na ordem jurídica, que o adultério não é uma ruptura do vínculo do casamento que pode ocorrer por causa de um dos cônjuges; ele só é constituído como infração no caso em que uma mulher casada tem relação com um homem que não é seu esposo; é o *status* matrimonial da mulher, jamais do homem, que permite definir uma relação como adultério (FOUCAULT, 1985a: 132).

Assim percebe-se que as liberdades sexuais da *aphrodisia* eram possíveis aos homens, sendo a mulher incapaz de decidir por ela suas próprias ações (p. 140). Outro fato encontrado por Foucault dentro da sexualidade grega, que discorda deste ideal de total liberdade sexual, se baseia nas questões que muitas vezes eram levantadas dentro dos livros que continham os conselhos sexuais, questões acerca do casamento e do amor entre rapazes eram tema de debate e possíveis desaprovações. Para alguns, o casamento deveria ser uma união em que ambos os cônjuges devem ser fiéis, evitando relações fora do casamento. Com relação às práticas sexuais entre homens, alguns fatores deveriam ser observados, como a idade do casal, o *status* de cada um deles, a hierarquia social que deveria ser mantida dentro da relação, entre outros. "Como veremos agora, essa reflexão moral desenvolveu, a propósito do corpo, do casamento, do amor pelos rapazes, temas de austeridade que se assemelham aos preceitos e interdições que poderão ser encontrados posteriormente" (FOUCAULT, 1985a: 84).

Desta forma fica evidente que os gregos tinham preocupações relacionadas às práticas sexuais, elas não eram regras rígidas, que condenavam práticas, mas que buscavam encontrar um equilíbrio, uma moderação em relação aos prazeres, pontuando riscos à saúde e a moral de cada homem.

Avançando na história, chega-se ao ápice da moral cristã, que condenava as práticas sexuais sem fins de procriação, relegava o desejo à condição de pecado mortal e julgava qualquer um que desafiasse suas normas. O discurso daquele período justificava suas ações no 'pecado original', pelo sexo o primeiro homem pecou e é por causa dele que a humanidade peca e deve policiar seus atos e desejos; pela sexualidade o demônio poderia apropriar-se do corpo e da alma dos homens (AGUIAR, 1997:418).

Com estas justificativas e através do imenso poder que representava dentro da sociedade Medieval, a Igreja Católica instaurou seus tribunais e levou à fogueira, principalmente mulheres, que devido ao seu comportamento 'desviante', eram consideradas feiticeiras, bruxas e pecadoras. As mulheres eram consideradas fracas de espírito, e portanto, mais suscetíveis às ações do demônio, que se manifestava através da sexualidade. Mas segundo Aguiar

(1997), a Inquisição não significou a repressão à mulher, mas ao corpo em geral:

A caça às bruxas representou uma violenta repressão ao corpo e a suas manifestações, não apenas para as chamadas feiticeiras através das torturas impostas nos processos inquisitoriais, mas também, aos corpos dos padres e cristãos, pois para estes eram atribuídas outras formas de castigos corporais (p. 419).

Ainda segundo a autora, depois da Inquisição, os papéis culturais de cada sexo começaram a ser definidos: "à mulher, a sexualidade desmedida, a passividade, a fraqueza de intelecto e de espírito; ao homem, a força para dominar, o papel de agente ativo no processo do saber, e por isso mesmo, o único capaz de criar" (p.421).

A partir desse breve levantamento histórico, faz-se possível refletir acerca das práticas sexuais 'livres' ou 'imorais' próprias de cada fase da humanidade, seus valores, julgamentos e possíveis influências na construção da sexualidade contemporânea.

3. A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA

Antes de continuar a discussão, se faz necessário explicar alguns dos conceitos que serão utilizados neste trabalho, para tanto serão utilizadas as definições de Weeks *apud* Louro (1999:43), onde:

sexo será usado como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Usarei o termo sexualidade como uma descrição geral para a espécie de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault (1993) determinou 'o corpo e seus prazeres'.

Ou ainda, segundo Costa (1994: [s.l.]): "sexualidade é o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual. Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar".

Pode-se perceber como a sexualidade foi se transformando ao longo do tempo, de uma questão individual, privada e muitas vezes reprimida, em uma preocupação do Estado, uma característica humana que deve ser controlada e que se torna alvo de um poder muitas vezes escondido atrás de discursos pretensamente libertários. Como comenta Weeks *apud* Louro (1999:39), as questões relativas ao corpo e a sexualidade têm feito parte das preocupações ocidentais há muito tempo, sendo que após o século XIX saíram do domínio religioso e moral para outras esferas sociais, como a pedagogia, a medicina e a demografia (ALTMANN, [s.d]:03).

Segundo a autora, a sexualidade é fortemente usada como forma de dominação do sujeito, sendo que, através dos discursos escolares e das práticas realizadas dentro das aulas são formadas as normalidades sexuais, é inserido dentro de cada aluno e aluna a disciplina necessária para que estes, ao saírem da escola, se tornem adultos sadios e autodisciplinados: "Assim, a sexualidade foi esmiuçada e tornou-se chave da individualidade, dando acesso à vida do corpo e à vida da espécie, permitindo o exercício de um biopoder⁴ sobre a população" (*idem*: 03).

⁴ Foucault (1999), em seu livro "Vigiar e Punir" analisa como a sociedade disciplinar, da segunda metade do século XVIII e que vem até os dias de hoje fabrica corpos dóceis e úteis, através de mecanismos de poder e saber, que se inter-relacionam para formar o que o autor

Outro ponto fundamental nas discussões deste trabalho é a fase da vida dos sujeitos denominada de adolescência, este período é atualmente compreendido como a fase da vida em que a criança passa por transformações hormonais, estruturais, psicológicas e comportamentais, mudanças essas que o conduzirão à fase adulta, onde seus corpos e personalidades se tornarão estáveis e dentro das características dessa fase. Para alguns médicos e autores que tratam do tema, a adolescência é uma fase turbulenta, onde o jovem busca a si mesmo, causando problemas de todo tipo para ele e para quem está ao seu redor (Buhler *apud* ANDRADE e MELLO, 1992:38), para Erikson *apud* ANDRADE e MELLO (1992:38), é o estabelecimento da identidade do ego, o cerne do problema. Já para Freud, *apud* ANDRADE e MELLO (1992:38) a adolescência é um período de crise, de "tempestade e tensão", de renascimento. Desta forma, muitas vezes 'demoníaca', a adolescência é tratada por médicos, pais e professores.

Segundo Fraga (2000), os sujeitos de 12 a 16 anos, hoje conhecidos por adolescentes, não tiveram essa denominação em diferentes períodos históricos, a noção de adolescência começa a se desenvolver no início do século XX, com a correspondência entre idade cronológica e um modo de se comportar característico (p. 54). Foi com adolescentes desta faixa etária que se desenvolveram as observações e posterior relato das experiências vivenciadas nas aulas de educação física.

Tem-se presenciado no fim do século XX e início deste século, uma crescente preocupação com a adolescência, seja na escola, na família e principalmente na mídia. O mercado, através dos meios de comunicação, tem investido cada vez mais nestes consumidores em potencial, direcionando produtos e campanhas publicitárias que despertam o desejo de ter, de ser igual às pessoas 'legais'. "Isso é feito com o nosso desejo: desejo do mais novo, do mais bonito, do mais forte, do mais caro. É um desejo sem fim, ilimitado, pois sempre aparecerão coisas novas e melhores" (ANDRADE e MELLO: 88). Esta preocupação com os adolescentes é percebida nas questões referentes à violência crescente nas ruas e com o pretense papel pedagógico que a mídia

chama de Biopoder. Através destas técnicas a sociedade, por meio do incentivo ao discurso, julga e condena práticas consideradas por ela anormais. Este poder ainda tem a função de inculcar, de forma indireta, valores que irão guiar os comportamentos de cada sujeito, através de uma auto disciplina cada um irá enquadrar-se dentro dos padrões ditados pela sociedade.

vem assumindo diante dos jovens, a escola e a família são responsabilizadas, como comenta Fraga (2000), pelo fracasso na educação e disciplinamento dos jovens (p.63); sendo que a instituição escolar ainda busca seu papel na formação dos sujeitos, mesmo assumindo a forte influência da comunicação de massa (p.68).

"Pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social" (SANT' ANNA, 1995:[s./]), refletindo sobre este pensamento, pode-se perceber que o corpo é o brasão que carrega as marcas de uma sociedade e de sua cultura ⁵, sendo assim, por ele passam todo tipo de discurso e se aplicam poderes com interesses diversos. A humanidade há muito necessita de nomes, palavras e signos que designem coisas, padrões, normas e diferenças. Dentre as muitas palavras e significações criadas pelo homem, existe um termo que vem sendo usado, mais freqüentemente, segundo Scott *apud* Fraga (2000:89), a partir do fim do século XX. O termo gênero é utilizado para diferenciar os papéis que cada sujeito, dependendo de seu sexo biológico, deve desempenhar dentro da sociedade, ou ainda como comenta Scott *apud* Fraga (2000:89), gênero é "um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (...) um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado". Connell *apud* Fraga (2000:89), por sua vez, diz que:

Gênero é, nos mais amplos termos, a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. No gênero a prática social se dirige aos corpos.

Entende-se a importância do esclarecimento destas questões iniciais, bem como a necessidade de seu aprofundamento, contextualizando com as práticas observadas nas aulas de educação física, buscando-se assim, uma compreensão destes conceitos relacionados com a realidade escolar analisada neste trabalho.

⁵ "Cultura é a produção de bens materiais de uma sociedade, que moldam a expressão de um ser. Reúnem-se aí as formas abstratas de sentir, pensar, agir e as orientações cognitivas que recebemos quando da nossa socialização primeira. Fazemos durante toda a nossa vida uma reelaboração constante das transmissões a nós dadas dos valores sociais do grupo com o qual estamos interagindo no nosso cotidiano. O grupo social então, ou sociedade, é o conjunto de instituições, como o aparelho judiciário que tem por função estabelecer e manter as solidariedades que uma sociedade exige de seus membros" (GÓIS, 1992: 129).

4. RELAÇÕES DE GÊNERO

Com o início da intervenção pedagógica no colégio, foi percebido como os alunos/as se portavam em relação ao seu corpo e ao corpo de seu colega. Filas separavam os alunos/as por sexo, atividades específicas para cada gênero, deixando clara a divisão que se faz entre meninos e meninas, pode-se perceber como a estrutura escolar influencia na formação das identidades sexuais, reforçando padrões e estereótipos, onde "tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre eficiente e duradoura" (LOURO, 1999: 17), deste modo fica claro que mesmo sem a intervenção do professor, os alunos/as se disciplinam de modo a se separarem por sexo.

Após algumas observações, começaram as intervenções nas aulas, assim que o conteúdo foi proposto, sentiram-se as primeiras dificuldades. Um problema que surgiu foi a dificuldade de alguns alunos/as manterem contato físico com colegas do sexo oposto e principalmente do mesmo sexo. Pegar na mão, encostar-se ao corpo do outro, tudo era uma barreira para que eles realizassem a atividade, muitos se recusavam a continuar participando se o contato fosse inevitável. Essa aparente aversão ao contato físico é muito mais expressiva no caso dos meninos, estes em sua maioria, evitavam contatos com outros meninos, sendo que paradoxalmente, eles passavam grande parte da aula se batendo e brigando, ou seja, para os meninos, mostrar sua masculinidade é sinônimo de brigar e vencer, mas se esses mesmos garotos se tocassem de algum modo que não fosse violento, isso era um sinal de algum tipo de desvio, como cita Connell *apud* Fraga (2000:83), ocorre "a existência de uma narrativa convencional que pressiona os meninos a agirem conforme algumas condutas e sentimentos apropriados para homens de 'verdade'".

Altmann (1999) comenta em seu artigo onde relata a experiência vivenciada em uma escola mineira, que nos Jogos realizados pela escola, os meninos se mostravam muito mais violentos que as meninas, utilizando nomes de equipes e gritos de guerra que refletiam uma aceitação de um comportamento violento por parte dos meninos, sendo a situação inversa com as meninas (p. 160); este caso corrobora com a observação acima citada, onde os meninos se permitem apenas contatos violentos e viris. Vê-se neste caso

uma demonstração da exigência que se faz em relação aos meninos, futuros homens, que devem se portar como tal.

Ainda com relação aos meninos, este comportamento parece ser uma luta constante contra uma possível interpretação de homossexualidade, sendo que este parece ser seu maior medo deles. Ao iniciar alguma atividade, era comum ouvir as expressões: "isso é coisa de bicha"; "olha, o bicha já está lá, no meio das meninas". Como comenta Louro (1999:29), na escola expressa-se a homofobia, como se a homossexualidade fosse contagiosa, evita-se demonstrar simpatia pelos sujeitos homossexuais, as atitudes preconceituosas dos adolescentes pode ser reflexo do comportamento dos professores/as.

Esse tipo de comentário parece incoerente com a liberdade sexual que a maioria dos adolescentes parece ter, elas ainda se perdem em meio a velhos preconceitos que ainda não se extinguíram numa sociedade aparentemente liberal. Mesmo com os avanços conquistados nesse campo, a homossexualidade ainda encontra barreiras, e muitas delas podem ainda estar sendo construídas nas escolas, o lugar de aprendizado parece ainda se recusar a esclarecer questões que são fundamentais para a formação dos sujeitos. Ao continuar com práticas que reforçam divisões entre gênero e ignorando comentários como os acima citados, a escola se omite ao seu papel de formação de sujeitos críticos, conscientes e que respeitam a diversidade. A esse respeito Louro (1999:31), comenta que:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

Outro exemplo que pode ser usado e que expressa a homofobia como um comportamento histórico, que vem mudando de forma com o passar dos tempos é uma reportagem publicada pelo pesquisador norte americano Simon LeVay, em agosto de 1991 na revista *Science* (*apud* Costa,1994:39) em resumo, o pesquisador estudou o tamanho de células cerebrais do hipotálamo - região responsável pelas emoções e sentimentos eróticos - obtidas de autópsias de indivíduos hetero e homossexuais. O pesquisador concluiu que essas células eram de tamanho menor nos homossexuais se comparadas com as obtidas dos heterossexuais, o que indicaria alguma relação entre a

conformação celular do hipotálamo e a orientação sexual. Qual seria o efeito desse "conhecimento" para um jovem que está descobrindo sua sexualidade e sua orientação sexual?

Sem uma educação apropriada, esse jovem poderia se sentir mais discriminado e fora do "padrão", afinal, para muitos a pesquisa científica e seus resultados são a verdade absoluta. Pesquisas como essa só reforçam a necessidade que o homem tem de buscar respostas científicas para a natureza humana. Não basta apenas sentir, é necessário racionalizar e quantificar os sentimentos e ações humanas. Se antes o homossexualismo, as atitudes ditas "obscenas" e "imorais" eram catalogadas, julgadas e punidas pela Igreja, hoje essas mesmas atitudes são determinadas pela genética, são catalogadas como "desvios", "mutações", "mal formações", etc. Desse modo continuam as padronizações, a normatização de corpos, sentimentos e atitudes, onde sempre existirão os "outros", os "diferentes", ou seja, os excluídos.

Com relação às meninas, o contato entre elas não era de forma alguma evitado, sendo que não se ouvem comentários acerca da sexualidade delas, percebe-se aí, a diferença da cobrança exercida em ambos os sexos, às meninas é permitido se tocarem, se abraçarem ou beijar no rosto, talvez pela percepção tradicional de que as mulheres são frágeis, sensíveis e estes gestos estão dentro do seu papel social. Das mulheres não é cobrada distância de outras mulheres, a elas ainda cabe o papel de seres amorosos e delicados, mesmo com as atuais cobranças de desempenho profissional e aumento de responsabilidades: "A mensagem é dupla e contraditória: para ser respeitada, seja universal (pense, aja e trabalhe como um homem); mas, para ser amada, continue sendo mulher. Seja homem e seja mulher" (ALTMANN, 1999: 161). Já os homens, para se enquadrarem em seus papéis, devem ser fortes, insensíveis e manter distância de outros homens a fim de evitar possíveis comentários maliciosos e preconceituosos.

Evitar o contato físico se dá, de forma menos radical, também em relação ao sexo oposto, ou seja, muitos meninos se recusavam a pegar na mão da colega e vice-versa. Jogar em dupla com as meninas era praticamente impossível. Encontra-se aí uma contradição no comportamento dos alunos, afinal os mesmos alunos que se recusavam a pegar na mão da colega ou jogar em dupla com uma menina, eram os mesmos que não se sentiam

constrangidos em contar com quantas meninas já tinham "ficado", ou em comentar sobre a beleza das colegas.

5. SEXUALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR

Com relação à postura da escola frente a sexualidade de seus alunos/as, cabe refletir sobre a afirmação onde Freud *apud* Louro, (1999:96) diz que "a sexualidade começa no início da vida e é, portanto, indistinguível de qualquer outra experiência, porque o corpo é tudo". Sendo assim a sexualidade seria inseparável do homem, convivendo com ele durante toda sua vida, passando então por estágios, aonde ele vai desenvolvendo seus desejos. Se isso é verdade, a sexualidade aflorada que é percebida em algumas crianças seria um processo natural, aonde elas chegaram a um ponto onde as perguntas se tornam mais freqüentes e a prática de seus desejos é facilitada por uma sociedade que se diz mais liberal e que provém meios para que as crianças tenham maior acesso ao corpo e a sexualidade.

Para discutir o tratamento dado à sexualidade dentro da escola, pode-se analisar o documento que serve de guia para a construção dos currículos escolares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Neste documento o tema sexualidade é tratado como um Tema Transversal, ou seja, deve ser trabalhado juntamente com todas as disciplinas escolares, sendo dada ênfase para a educação física, devido à sua característica de trabalho direto com o corpo. O trabalho de educação sexual deve ocorrer de duas formas: dentro do planejamento, através de conteúdos transversalizados, e como programação extra, sempre que os alunos/as expressarem interesse pela discussão (ALTMANN, [s.d]: 05).

Assim é descrito o papel da disciplina de educação física e do professor em relação à educação sexual:

O professor (de Educação Física) é uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física propicia experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos (*apud* ALTMANN, [s.d]: 08).

Pode-se refletir a partir de algumas análises realizadas pela autora acerca deste documento e sua concepção de sexualidade e de educação sexual. Segundo a autora a inclusão do tema sexualidade na educação escolar de crianças e jovens já vem ocorrendo há muito tempo, de formas diversas e

com objetivos que vão de encontro a interesses políticos e morais (p. 04). Sua função, segundo Altmann, seria vigiar comportamentos, exercendo um poder velado, eclipsado por uma aparente liberdade de expressão acerca do tema:

Assim, através da colocação do sexo em discurso na escola, há um complexo aumento do controle exercido sobre os indivíduos, o qual se exerce não através de proibições, punições, mas através de mecanismos positivos de poder que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade (p. 07).

Ainda dentro da análise realizada por Altmann, percebe-se o caráter biológico e natural dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais à sexualidade, onde busca-se de forma implícita normalizar práticas sexuais e restringi-las aos adultos (p.06).

Cabe neste ponto, discutir qual é a real preparação dada a professores e professoras com relação à educação sexual, estariam eles aptos para tratarem deste tema em suas aulas? Será que esta educação sexual tem surtido efeito na prática sexual dos adolescentes? Estaria a escola atendendo as reais necessidades de seus alunos/as?

Foi possível perceber, nas poucas vezes que os alunos/as conversaram abertamente com os professores, a extrema curiosidade que cerca o universo sexual que eles idealizam e desejam descobrir, perguntas de todo tipo eram ouvidas, demonstrando a insegurança diante de um mundo que a maioria dos adolescentes descobre sozinho ou com a ajuda de amigos tão inexperientes quanto eles. Nesses momentos pôde-se perceber a insuficiência de uma educação sexual clara e que satisfaça às reais curiosidades dos alunos/as, mesmo com campanhas vinculadas nos meios de comunicação, sobre o uso de preservativos, prática de sexo seguro, e prevenção da gravidez precoce, falta na escola uma conversa franca e que exponha todos os aspectos de da prática sexual, que cada vez mais cedo vai se tornando parte da vida dos adolescentes.

Se os adolescentes têm medo de conversar com os professores, como estes serão capazes de educá-los? Sobre essa ausência de uma educação sexual, Britzman *apud* Louro (1999:94) diz que isto pode estar relacionado ao medo de que falar sobre sexo seja o mesmo que incentivar, ou seja, o

professor teme ser responsável por qualquer atitude sexual que um de seus alunos/as possa apresentar:

São suas instáveis qualidades o que tem feito com que muitos educadores se preocupem em saber se a educação sexual causa atividade sexual, em saber se as discussões sobre a homossexualidade são o primeiro passo no recrutamento da sexualidade? A educação sexual causa o sexo?

Mas a falta de conversa sobre o tema, a ausência do diálogo não teriam piores consequências, afinal como disse Freud *apud* Louro (1999:93), "As crianças são 'pequenos investigadores do sexo'" e sendo assim, elas tendem a descobrir e a se descobrir de uma forma ou de outra.

Um fato que se observa, a respeito da expressão da sexualidade dos alunos/as, é a repreensão sofrida por eles caso alguém seja descoberto fazendo algo "ilícito". O medo de serem descobertos é constante nas rodas de amigos e nas conversas sobre sexo, quando algum aluno tem a coragem de, por um breve momento, falar com um professor sobre esse assunto, a conversa é iniciada ou finalizada com um pedido: "não conta para minha mãe"; ou, "não mostra para o diretor". Frases como essas mostram o quanto esses alunos/as se sentem inseguros ao falarem sobre suas dúvidas sexuais com adultos, sejam eles os pais, professores ou diretores do colégio.

Cabe relatar aqui, um fato ocorrido durante o período de estágio no colégio: foi descoberto com um garoto de quinze anos, um caderno de confidências - um caderno no qual os colegas respondem a perguntas pessoais e o devolvem ao dono quando terminam de responder - neste caderno, ao contrário da maioria, continha perguntas de cunho sexual, ou seja, perguntas pessoais que questionavam vários aspectos da vida sexual dos colegas, tanto as questões quanto as respostas levantavam pontos que fazem parte de uma vida sexual ativa. O diretor do colégio, ao ler este caderno, tomou a decisão de falar com o aluno e tomar-lhe o caderno, por considerá-lo impróprio para o ambiente escolar. O caso não foi resolvido, pois o nome do dono do caderno não foi revelado, e o diretor não pode tomar as providências que achava cabíveis naquela situação.

Ficou claro que a reação do diretor foi de impaciência e era evidente que o aluno seria, de alguma forma, punido. Resta saber qual seria a atitude do colégio, em relação a esse aluno, caso ele fosse descoberto, seria ele

repreendido pelas coisas que escreveu, e seus colegas seriam também considerados cúmplices por terem respondido às questões propostas? Será que o colégio cumpre com sua função educacional e discute questões relativas à sexualidade com seus alunos/as? Não estaria este aluno buscando formas alternativas de descobrir aspectos da vida sexual que ele não teve possibilidade de externar para alguém que pudesse educá-lo, sanando suas dúvidas e diminuindo seus medos? Sobre essa situação, comenta Louro (1999):

aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam "marcados" como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar"(p.26).

A escola muitas vezes não cumpre um papel de educação integral, pois parece esquecer de questões importantes na vida dos indivíduos, e nesse caso não trata a sexualidade e suas relações sociais de forma educativa, Louro (1997:[s.l]) argumenta que:

... de algum modo, parece que se deixarem de tratar desses 'problemas' a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

6. O CORPO COMO ALVO DO PODER

Já foi dito por Foucault em sua pesquisa sobre a sexualidade, que esta, assim como o corpo em geral torna-se alvo de investigação, de análise e de poder. Em sua História da Sexualidade I: A vontade de saber, Foucault (1985) levanta questões referentes às formas de confissão e como elas se tornaram um mecanismo de descoberta e de poder; como afirma o subtítulo de seu livro, a sociedade ocidental desenvolveu uma *scientia sexualis*, que se incumbiu de desvendar os cantos mais obscuros da sexualidade humana, catalogando confissões como um grande arquivo da atividade sexual que poderia ser utilizado para classificar e normalizar as práticas 'sadias' ou 'patológicas' (p. 57).

A partir dos relatos anteriormente descritos neste trabalho, podemos perceber algumas das relações que Foucault explicita em sua genealogia da sexualidade. Pode-se perceber, nitidamente, que os adolescentes não conversam sobre suas dúvidas acerca da sexualidade com adultos, no caso do espaço escolar, o corpo docente do colégio; este fato demonstra como a sexualidade é considerada pelo colégio, visto que deve-se manifestá-la de forma velada, escondida dos olhos adultos, ou seja, aos adolescentes não é dado o direito de ter uma sexualidade, os professores insistem em ignorar, de forma consciente ou inconsciente a presença da sexualidade dentro do espaço escolar. Agindo de forma consciente pode-se afirmar, assim como o fez Foucault (1985b), que a escola afirma a inexistência da sexualidade infantil e adolescente:

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado (p. 10).

Outro fato que pode ser analisado é aquele decorrente da descoberta de um 'caderno de confidências', neste caso o caderno de um aluno continha perguntas e respostas que foram consideradas pelo diretor da escola, ofensivas e de cunho sexual, e o fato do aluno ter levado aquele material para a escola o tornava merecedor de punição. A sexualidade, supostamente exacerbada daquele aluno, que se materializava num caderno, agredia as

regras daquele colégio e o tornava, um transgressor da moral escolar. Pode-se analisar, a partir deste fato, como a sexualidade é escondida nos espaços escolares e como um comportamento particular se torna uma atitude 'anormal' dentro da escola; com isso fica claro o que é permitido tratar na escola, de que forma o assunto deve ser tratado (o aluno seria encaminhado para a orientadora pedagógica da escola) e a descrição com a qual o 'problema' é resolvido dentro do ambiente escolar (FOUCAULT, 1985b). Mostra-se no tratamento dado ao problema do caderno, o tipo de educação sexual que é dada na escola, ou neste caso, a falta dela, visto que, como foi observado, não havia a discussão deste tema como parte dos conteúdos escolares. Ao contrário de outras civilizações, como os gregos antigos, a educação sexual se restringe, no máximo ao discurso, neste caso seria um discurso dirigido ao aluno infrator, como forma de punição pela ousadia com que se portou na escola:

Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelo menos quanto ao essencial, nessa forma discursiva. E não na do ensino (a educação sexual se limitou aos princípios gerais e às regras de prudência); não na da iniciação (que permaneceu, quanto ao essencial, uma prática muda que o ato de tirar a inocência ou deflorar só torna risível ou violenta) (FOUCAULT, 1985b:61).

Historicamente, a sexualidade do adolescente tornou-se gradativamente alvo de controle e a partir do século XVIII passou a ser o foco de estratégias institucionais (FOUCAULT, 1985b), sendo que no caso específico da escola observada, estas estratégias visavam anular, ou ao menos, ignorar as ânsias de seus alunos/as. A partir da afirmação de Foucault (1985b), onde ele coloca que: "A questão que gostaríamos de colocar não é por que somos reprimidos, mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?" (p. 14), pode-se perceber a análise que o autor faz do discurso da sexualidade, ele afirma que o sexo está em discurso e que ao contrário do que se diz, não existe uma repressão ao sexo, e sim uma exposição do mesmo como forma de produção de conhecimento ao seu respeito. Com base nas observações realizadas no citado colégio, pode-se afirmar que esta afirmação não cabe àquela realidade específica, onde foi percebida uma constante

negação da sexualidade dos alunos/as e uma falta de qualquer tipo de discurso educativo acerca do sexo, ou seja, naquele caso específico, nota-se sim, uma repressão ao sexo e a qualquer manifestação de sexualidade que pudesse extrapolar os limites implicitamente impostos dentro do espaço escolar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa, observaram-se alguns pontos que a seguir serão destacados; o primeiro deles é a facilidade com que alguns adolescentes observados demonstravam sua sexualidade, estas demonstrações públicas de desejos e práticas ocorriam longe dos olhos dos adultos, professores e direção do colégio, pois como afirmam Andrade e Mello (1992):

Infelizmente, a herança da repressão, do desconhecimento, de falsos pudores e outros fatores mais, marcaram os adultos em suas sensações e sentimentos sexuais, principalmente em relação ao próprio corpo. Também são produtos e presas das forças sociais às quais se ligou um estigma irracional de culpa e medo quanto ao sexo (p. 39).

Logo, os casos que foram observados ocorreram nas aulas de educação física ministradas pelos estagiários; em caso de descoberta de alguma atitude fora das normas do colégio, estas seriam punidas pela direção da escola, como forma de evitar que novos casos ocorressem. Como comentam Andrade e Mello (1992), mesmo vivendo em um ambiente relativamente livre, com a mídia expondo e promovendo o erotismo, o jovem ainda esconde sua vida sexual "fora da lei" de seu ambiente familiar e social (p.42). Percebeu-se neste ambiente escolar uma proibição da expressão da sexualidade através do silêncio, da falta de preocupação com a realidade dos alunos/as, o que leva a crer em uma repressão da sexualidade destes adolescentes, visto que quando algum deles é descoberto com uma atitude 'anormal' é punido e não tem a oportunidade de expressar-se. Segundo Urbanetz *apud* Andrade e Mello (1992):

De modo geral, entende-se por repressão sexual o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais (mesmo porque um dos aspectos profundos da repressão está justamente em não admitir a sexualidade infantil e não-genital). Essas regras, leis, normas e valores são definidos explicitamente pela religião, pelo direito, pela moral e, no caso da nossa sociedade, pela ciência também (p.141).

Assim, através do silêncio e da punição, a escola busca isolar a sexualidade de seus alunos/as e impedir que ela se manifeste no ambiente escolar.

Durante o período de observação não ocorreu nenhum tipo de educação sexual, fato que provavelmente demonstra que a sexualidade dos alunos/as não é considerada tema educacional naquele espaço escolar. Em vista desta ausência e com base nos fatos observados, considera-se fundamental que exista uma preocupação com a sexualidade dos adolescentes, não de forma punitiva ou moralista, mas de forma a educar os adolescentes e conscientizá-los a partir de suas experiências e dúvidas. A educação sexual é considerada uma necessidade, pois a partir de uma pedagogia crítica e compromissada com a formação integral de seus alunos/as, a expressão da sexualidade não pode ser ignorada, além de educar os adolescentes a partir de suas dúvidas, uma educação sexual tem como objetivo superar pré-conceitos e lutar contra uma padronização social daquilo que é considerado 'normal', de forma a respeitar as diferenças e valorizar as experiências de seus alunos/as.

A partir dos resultados de uma pesquisa realizada por Andrade e Mello (1992), onde foi demonstrado que:

em 1987, quanto ao comportamento sexual de 150 adolescentes, de ambos os sexos, os resultados mostraram o início da atividade sexual oscilando dos 12 aos 14 anos no sexo feminino, sem distinção de classe social. No sexo masculino ela se iniciava entre os 14 e 16 anos, nos maiores índices (p. 41).

pode-se perceber a realidade dos adolescentes, que iniciam sua vida sexual cada vez mais cedo. A partir desta constatação, vê-se a importância de tratar o tema sexualidade nos currículos escolares, como forma de educar e dar subsídios para que cada adolescente possa tomar decisões conscientes e seguras acerca de sua vida sexual. Mas, como comentam os autores, não basta apenas falar sobre sexo, mas falar sobre amor e felicidade: "Adianta ter vida sexual e ser infeliz?" (ANDRADE E MELLO, 1992: 91).

Existe, pois, uma preocupação anterior ao tipo de tratamento dado à sexualidade dentro do espaço escolar, estariam os professores aptos a tratar deste tema com seus alunos/as? Afinal a atitude dos professores perante um assunto emite um juízo de valores, um julgamento que mesmo implícito transmite conceitos e padrões morais que atingem diretamente os alunos/as. Assim, deve-se juntamente, com a discussão de como se educar sexualmente deve-se ocorrer a discussão sobre que valores e práticas são consideradas

pelos professores, para que não se repitam moralismos e padrões culturais excludentes e generalistas.

Se a escola se julga o lugar por excelência nas sociedades modernas de gestão e de transmissão de saberes e símbolos (FORQUIN, 1992: 28), cabe à ela assumir suas responsabilidades de uma educação integral e compromissada com uma real formação de seus alunos/as. Pois, como afirma Louro (1999): a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política... é "apreendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (p.11). A escola faz parte dessa construção social e política da sexualidade, não podendo omitir-se desta importante função.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, H.M.C: **Os discursos sobre o corpo: de corpo-pecado à corpo-objeto**. IN: V Encontro de Historia do Esporte, Lazer e Educação Física - Coletânea. Maceió - Alagoas - Brasil: Editora da UNIJUÍ, 1997.

ALTMANN, Helena: Marias (e) homens nas quadras In: **Educação e Realidade**. 24 (2): 157-173. Jul/Dez. 1999.

_____. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. [s./l.]: [sd]. Mimeografado.

ANDRADE, Maria Margarida de: **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 3º edição 1998.

ANDRADE, R. P de E MELLO, R.C (editores): **Temas de Sexualidade Humana**. Curitiba: Editora Relisul, 1992.

ARISTÓTELES: *Étique à Nicomaque*. Texto e tradução de H. Rockham (Loeb Classical Library); tradução francesa de R. A. Gaultier e J. Y. Jolif, Louvain - Paris, 1970 *apud* Foucault, Michel: **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 8º edição, 1985.

BRASIL: SECRETARIA de EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL: **Parâmetros Curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRITZMAN, Deborah: Curiosidade, sexualidade e currículo IN: LOURO, Guacira Lopes: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 1999.

CAPRA, Fritjof: **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CONNEL, Robert W. : Políticas da masculinidade. IN: Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995, p. 31-42 *apud* Fraga, Alex Branco: **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

COSTA, Ronaldo Pamplona da: **Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo SP: Editora Gente, 1994.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari: **Os Bas-Fonds da Educação no Brasil Colonial**. Tese de doutoramento em Filosofia e História da Educação apresentada ao PPGE/UNIMEP. Piracicaba, 2001. Mimeografada.

FORQUIN, Jean-Claude: Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais IN: **Revista Teoria e Educação**. n. 5, 1992.

FOUCAULT, Michel: **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 11ª edição, 1985.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 11ª edição, 1985 *apud* Louro, Guacira Lopes: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 1999.

_____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 8ª edição, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 5ª ed, 1985 *apud* Diez, Carmen Lúcia Fornari: **Os Bas-Fonds da Educação no Brasil Colonial**. Tese de doutoramento em Filosofia e História da Educação apresentada ao PPGE/UNIMEP. Piracicaba, 2001. Mimeografada.

_____. **Vigiar e Punir**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 20ª edição, 1999.

FRAGA, Alex Branco: **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James: **O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)**. Tradução: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 14ª edição, 2000.

LE VAY, S: A Difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. Revista SCIENCE. EUA, v. 30, 30 de agosto de 1991 *apud* Costa, Ronaldo Pamplona da: **Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo SP: Editora Gente, 1994.

LOURO, Guacira Lopes: **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 1999.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de: **Políticas do corpo**. São Paulo, SP: Editora Estação Liberdade, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 20, n.2, jul/dez. 1995, p 71-99 *apud* Fraga, Alex Branco: **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

WEEKS, Jeffrey: *Invented moralities: sexual values in a age of uncertainty*. Nova York: Columbia University Press, 1995 *apud* Louro, Guacira Lopes: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 1999.